

GEORGE BERKELEY

# *Obras filosóficas*

*Tratado sobre os princípios  
do conhecimento humano*

*Três diálogos entre Hylas e Philonous*

*Sobre o movimento*

*Correspondência com Johnson*

*Comentários filosóficos*



Tradução, apresentação e notas

Jaimir Conte



© 2010 da tradução brasileira

Direitos de publicação reservados à:  
Fundação Editora da UNESP (FEU)  
Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3242-7171  
Fax: (0xx11) 3242-7172  
www.editoraunesp.com.br  
www.livrariaunesp.com.br  
feu@editora.unesp.br

Títulos originais em inglês:

1. *A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge, wherein the Chief Causes of Error and Difficulty in the Sciences, with the Grounds of scepticism, Atheism, and Irreligion are Inquired into* (1710)
2. *Three Dialogues between Hylas and Philonous, in Opposition to Sceptics and Atheists* (1713)
  3. *Of Motion, or the Principle and Nature of Motion and the Cause of the Communication of Motions*, (1721)
4. *Philosophical Correspondence between Berkeley and Samuel Johnson* (1729-1730)
  5. *Philosophical Commentaries* (c.1706-1708/1871)

CIP – Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B439o

Berkeley, George, 1685-1753

Obras filosóficas/George Berkeley: tradução, apresentação e notas Jaimir Conte. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.

550p

Inclui bibliografia e índice

Conteúdo: Tratado sobre os princípios do conhecimento humano – Três diálogos entre Hylas e Philonous – Sobre o movimento – Correspondência com Johnson – Comentários filosóficos

ISBN 978-85-393-0036-5

I. Berkeley, George, 1685-1753. 2. Idealismo inglês. 3. Alma. 4. Teoria do conhecimento. 5. Empirismo. 6. Filosofia inglesa. 7. Filosofia moderna. I. Conte, Jaimir, 1970-. II. Título. III. Título: Tratado sobre os princípios do conhecimento humano. IV. Título: Três diálogos entre Hylas e Philonous. V. Título: Sobre o movimento. VI. Título: Correspondência com Johnson. VII. Título: Comentários filosóficos.

10-2013.

CDD: 192  
CDU: I(42)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

## Sumário

<i>Apresentação</i>	. 7
<i>Cronologia</i>	. 9
<i>Obras de George Berkeley</i>	. 15
<i>Nota sobre esta edição</i>	. 19
<i>Tratado sobre os princípios do conhecimento humano</i>	. 27
Dedicatória	. 29
Prefácio	. 31
Introdução	. 33
Parte I	. 57
<i>Três diálogos entre Hylas e Philonous</i>	. 167
Primeiro diálogo	. 175
Segundo diálogo	. 231
Terceiro diálogo	. 261
<i>Sobre o movimento</i>	. 319
<i>Correspondência com Johnson</i>	. 355
<i>Comentários filosóficos</i>	. 397
<i>Seleção bibliográfica</i>	. 531
<i>Índice onomástico</i>	. 539

*Tratado sobre os  
princípios do conhecimento humano*



No qual se investigam as principais causas dos erros e das dificuldades nas ciências e os fundamentos do ceticismo, do ateísmo e da irreligião

# *Dos princípios do conhecimento humano*

## *Parte I*<sup>17</sup>

- 41 // I. É evidente a qualquer um que faça um levantamento dos objetos do conhecimento humano que estes são ou ideias realmente impressas nos sentidos ou então ideias como as percebidas quando prestamos atenção nas paixões e operações da mente, ou, finalmente, ideias formadas com a ajuda da memória e da imaginação, seja combinando, dividindo, seja simplesmente representando as ideias originalmente percebidas das maneiras mencionadas. Por meio da visão, tenho as ideias da luz e das cores em seus diversos graus e variações. Por meio do tato percebo, por exemplo, duro e macio, calor e frio, movimento e resistência e, de todos esses, a diferença em relação à quantidade ou ao grau. O olfato proporciona-me odores; o paladar, sabores; o ouvido leva à mente sons em toda a sua variedade de tom e

---

<sup>17</sup> A Parte II nunca foi publicada. Berkeley afirmou que perdeu o manuscrito a ela relativo durante sua viagem à Itália, por volta de 1716, e que depois nunca teve “tranquilidade para fazer uma coisa tão desagradável como escrever duas vezes sobre o mesmo assunto”. Ver *Carta a Samuel Johnson*, de 25 de novembro de 1729, p.282, incluída neste volume.

de composição. E, quando se observa que várias dessas ideias se apresentam simultaneamente, elas passam a ser designadas por um nome e, dessa forma, a ser consideradas uma coisa. Assim, por exemplo, quando se observa que determinada cor, um sabor, um cheiro, uma figura e consistência estão juntos, são considerados uma coisa diferente, significada pelo nome *maçã*. Outras coleções de ideias constituem uma pedra, uma árvore, um livro; e as demais coisas sensíveis, sejam elas agradáveis ou desagradáveis, suscitam |*excite*| as paixões do amor, do ódio, da alegria, da tristeza, e assim por diante.

42 2. Mas, além de toda essa interminável variedade de ideias ou objetos do conhecimento, existe também algo que os conhece ou percebe e que executa diversas operações relativamente a eles, como querer, imaginar ou recordar. Esse ser ativo, perceptivo, é o que // chamo de *mente, espírito, alma* ou *eu*. Por meio dessas palavras não denoto nenhuma de minhas ideias, mas algo inteiramente diferente delas, na qual elas existem, ou, o que é a mesma coisa, por meio da qual elas são percebidas, pois a existência de uma ideia consiste em ser percebida.

3. Que nem nossos pensamentos, nem as paixões, nem as ideias formadas pela imaginação existem fora da mente |*without the mind*|<sup>18</sup> é o que todos admitirão. E não parece menos evidente que as várias sensações ou ideias impressas sobre os sentidos, por mais misturadas ou combinadas umas com as outras (isto é, quaisquer que sejam os objetos que componham), não podem existir de outro modo senão em uma mente que as perceba. E

18 Nos textos de Berkeley, “without” pode ser lido como significando tanto “fora” como “sem”. Em geral, optamos por empregar “fora”, mas em alguns contextos o termo foi vertido pelo significado usual “sem”.

penso que um conhecimento intuitivo disso pode ser obtido por qualquer um que preste atenção no que é significado pelo termo *existir* quando aplicado a coisas sensíveis. Assim, por exemplo, a mesa sobre a qual escrevo, digo que existe, isto é, que a vejo e a sinto; e, se estivesse fora de minha sala de estudos, diria que ela existe, querendo dizer com isso que se eu estivesse em minha sala de estudos poderia percebê-la, ou que algum outro espírito realmente a percebe. Havia um odor, isto é, ela foi cheirada; havia um som, isto é, ela foi ouvida; uma cor ou figura, e ela foi percebida pela vista ou pelo tato. Isso é tudo o que posso entender por meio dessas e de outras expressões semelhantes. Quanto ao que é dito da existência independente | *absolute* | de coisas não pensantes sem nenhuma relação com seu ser percebido, isso parece completamente ininteligível. Seu *esse est percipi*,<sup>19</sup> e não é possível que tenham alguma existência fora da mente ou das coisas pensantes que as percebam.

4. É de fato uma opinião estranhamente predominante entre os homens que casas, montanhas, rios e, numa palavra, todos os objetos sensíveis têm uma existência natural ou real diferente da de ser percebidos pelo entendimento. Contudo, por maior que sejam a confiança e a aquiescência que esse princípio possa ter recebido no mundo, quem decidir em seu íntimo colocá-lo em dúvida pode, se não me engano, perceber que ele envolve uma contradição manifesta, pois, o que são os objetos anteriormente mencionados senão o que percebemos pelos sentidos? E o que percebemos além das nossas ideias ou sensações? E não é claramente contraditório | *repugnant* | que alguma destas, ou alguma combinação destas, possa existir impercebida?

<sup>19</sup> Seu ser (*esse*) é ser percebido (*percipi*).

5. Se examinarmos bem esse princípio descobriremos, talvez, que no fundo ele depende da doutrina das *ideias abstratas*, afinal, pode haver uma maneira mais sutil de abstração do que distinguir a existência dos objetos sensíveis do seu ser percebido, assim como concebê-los existindo impercebidos? Luz e cores, calor // e frio, extensão e figuras, numa palavra, o que vemos e sentimos, o que são eles senão muitas sensações, noções, ideias ou impressões sobre os sentidos? E é possível separar algumas delas, ainda que só mentalmente, da percepção? Para mim é fácil separar uma coisa dela mesma. Posso, de fato, dividir mentalmente, ou conceber separadas umas das outras, coisas que, talvez, nunca percebi pelos sentidos assim divididas. Desse modo, imagino o tronco de um corpo humano sem os membros, ou concebo o cheiro de uma rosa sem pensar na própria rosa. Não negarei que, até esse ponto, posso abstrair, se é que isso pode ser chamado propriamente de *abstração*, pois abrange somente em conceber separado esses objetos, pois é possível que de fato existam ou sejam realmente percebidos separadamente. Mas meu poder de conceber ou imaginar não se estende, entretanto, para além da possibilidade da real existência ou percepção. Por isso, assim como é impossível ver ou sentir algo sem uma sensação efetiva dele, também é impossível conceber em meus pensamentos alguma coisa sensível ou objeto diferente de sua sensação ou percepção.<sup>20</sup>

6. Há algumas verdades tão familiares e óbvias à mente que um homem precisa apenas abrir os olhos para vê-las. Considero

---

20 A edição de 1710 continuava assim: “Na verdade, o objeto e a sensação são a mesma coisa e não podem, portanto, ser abstraídos um do outro”.



que uma delas é esta: que toda abóbada celeste e tudo quanto a Terra contém – numa palavra, todos os corpos que compõem a poderosa estrutura do mundo – não possuem nenhuma existência fora de uma mente | *without a mind* |; que seu ser é ser percebido ou conhecido. E que, conseqüentemente, na medida em que eles não são de fato percebidos por mim, ou não existem na minha mente ou na de qualquer outro espírito criado, não devem ter absolutamente existência alguma, ou, ao contrário, existem na mente de algum espírito eterno, sendo completamente ininteligível e implicando todo o absurdo da abstração atribuir a uma parte isolada deles uma existência independente de um espírito.<sup>21</sup> Para se convencer disso, o leitor precisa apenas refletir e tentar separar em seus pensamentos o ser de uma coisa sensível de seu ser percebido.

7. A partir do que foi dito, segue que não há nenhuma outra substância a não ser o *espírito*, ou aquele que percebe. Mas, a fim de provar de maneira mais completa esse ponto, suponhamos que as qualidades sensíveis sejam as // cores, a figura, o movimento, o cheiro, o sabor etc., ou seja, as ideias percebidas pelos sentidos. Ora, visto que é uma manifesta contradição uma ideia existir numa coisa incapaz de perceber | *unperceiving* |; pois ter uma ideia é o mesmo que perceber: aquilo, portanto, em que cor, figura e outras qualidades semelhantes existem,

---

21 A edição de 1710 acrescentava: “Fazer isso aparecer com toda clareza e evidência de um axioma seria suficiente se desse modo me fosse possível despertar a reflexão do leitor, o qual adotaria então uma visão imparcial de seu significado e dirigiria seus pensamentos sobre esse assunto livre e desimpedido de todo estorvo das palavras, e sem preconceitos a favor de erros recebidos”.

deve percebê-las. Portanto, é claro que não pode haver uma substância não pensante ou *substratum*<sup>22</sup> dessas ideias.

8. Mas pode-se alegar que, embora as ideias por si não existam fora da mente, pode haver, contudo, coisas semelhantes a elas das quais elas são cópias ou imagens | *resemblances* |; coisas que existem fora da mente em uma substância não pensante. Respondo que uma ideia não pode ser semelhante a nada a não ser a uma ideia; uma cor ou figura não pode ser semelhante a nada a não ser a outra cor ou figura. Se examinarmos um pouco nossos pensamentos, descobriremos que nos é impossível conceber uma semelhança exceto entre nossas ideias. Mais uma vez pergunto se os supostos originais ou coisas externas, dos quais nossas ideias seriam imagens ou representações, são perceptíveis ou não. Se são, então são ideias, e nós confirmamos nossa tese; mas se se alegar que não o são, desafio qualquer um a pensar se faz sentido afirmar que uma cor é semelhante a algo invisível, ou que duro e macio são qualidades semelhantes a algo intangível; e assim por diante.

9. Alguns estabelecem uma distinção entre qualidades *primárias* e *secundárias*.<sup>23</sup> Pelas primeiras eles se referem à extensão, figura, movimento, repouso, solidez ou impenetrabilidade e número; pelas últimas eles denotam todas as demais qualidades

---

22 *Substratum* é, literalmente, “aquilo que está sob”. Berkeley discute detalhadamente as noções de *substratum* e de substância no primeiro dos *Três diálogos entre Hylas e Philonous*.

23 De acordo com os proponentes da distinção entre qualidades primárias e secundárias – entre os quais Galileu, Descartes, Boyle e Locke –, ao contrário das qualidades primárias como extensão, forma etc., as secundárias como cor, cheiro, sabor etc. não se assemelham às qualidades inerentes ao objeto.

sensíveis, como cores, sons, sabores, e assim por diante. Eles reconhecem que as ideias que temos destas não são imagens | *resemblances* | de algo que existe fora da mente ou que é impercebido, mas sustentam que nossas ideias acerca das qualidades primárias são modelos | *patterns* | ou imagens de coisas existentes fora da mente, numa substância não pensante que chamam de *matéria*. Por *matéria*, portanto, devemos entender

45 uma substância inerte, inanimada | *senseless* |, // na qual extensão, figura e movimento realmente subsistem | *actually subsist* |. Mas é evidente, de acordo com o que já mostramos, que extensão, figura e movimento são apenas ideias que existem na mente, e que uma ideia não pode ser semelhante a nada a não ser a outra ideia; e que, conseqüentemente, nem elas nem seus arquetipos<sup>24</sup> podem existir numa substância incapaz de perceber. Portanto, é claro que a própria noção do que se chama de *matéria* ou de *substância corpórea* encerra em si uma contradição.<sup>25</sup>

10. Os que afirmam que figura, movimento e demais qualidades primárias ou originais existem fora da mente, em substâncias não pensantes, reconhecem, ao mesmo tempo, a não existência de cores, sons, calor, frio e das demais qualidades secundárias, as quais nos dizem que são sensações presentes só na mente e que dependem e resultam dos diferentes tamanhos,

24 Originais dos quais as ideias são cópias.

25 Na edição de 1710 esse parágrafo continuava assim: “De tal maneira que não creio ser necessário gastar mais tempo em expor seu absurdo. Mas, já que a doutrina da existência da matéria parece ter se arraigado de forma tão profunda na mente dos filósofos e produzido tão más conseqüências, prefiro ser considerado prolixo e tedioso a omitir qualquer coisa que possa conduzir à descoberta e extirpação total de semelhante preconceito”.

texturas e movimentos das partículas diminutas da matéria. Eles consideram isso uma verdade indubitável e demonstrável sem exceção alguma. No entanto, se é certo que essas qualidades originais estão inevitavelmente unidas às qualidades sensíveis – e que sequer em pensamento são suscetíveis de ser abstraídas –, segue-se claramente que elas também existem apenas na mente. Não obstante, desejaria que todos refletissem e tentassem ver se podem, por uma abstração mental, conceber a extensão e o movimento de um corpo sem todas as outras qualidades sensíveis. De minha parte, vejo com clareza que não está em meu poder formar uma ideia de um corpo extenso e em movimento a não ser que lhe atribua alguma cor ou outra qualidade sensível que, admite-se, existe só na mente. Em resumo, extensão, figura e movimento abstraídos de todas as demais qualidades são inconcebíveis. Portanto, onde as demais qualidades estão, deverão estar também as primárias, ou seja, na mente e em nenhum outro lugar.

- II. Por outro lado, admite-se que *grande e pequeno, rápido e lento* não existem em nenhum lugar fora da mente, pois são inteiramente relativos e mudam conforme varia a estrutura ou posição dos órgãos dos sentidos. A extensão, portanto, que existe fora da mente não é nem grande nem pequena; o movimento, nem rápido nem lento; ou seja, não são absolutamente nada. Mas, pode-se alegar, trata-se da extensão em geral e do movimento em geral. Vemos, nesse caso, até que ponto a doutrina das substâncias extensas e móveis, // existentes fora da mente, depende da estranha doutrina das *ideias abstratas*. E aqui não posso deixar de notar quanto a vaga e indeterminada descrição da matéria ou substância corpórea, a que os filósofos modernos foram

conduzidos em virtude dos próprios princípios, se assemelha à antiquada, e um tanto ridicularizada, noção de *matéria-prima* de Aristóteles e de seus seguidores. Sem a extensão, a solidez não pode ser concebida. Uma vez, portanto, que se mostrou que a extensão não existe numa substância não pensante, o mesmo também deve ser verdadeiro no que se refere à solidez.

12. Que o número é inteiramente uma criação da mente, mesmo admitindo-se a existência das demais qualidades fora dela, será evidente a qualquer um que considere que uma mesma coisa pode ter uma diferente denominação numérica, conforme a mente a contemple de diferentes pontos de vista. Assim, a mesma extensão pode ser 1, 3 ou 36, segundo a mente a considere com referência a uma jarda, a um pé ou a uma polegada.<sup>26</sup> O número é tão evidentemente relativo e dependente do entendimento humano que é estranho pensar como alguém poderia lhe atribuir uma existência independente fora da mente. Ao dizermos um livro, uma página, uma linha, todas estas são igualmente unidades, embora algumas contenham várias outras. E em cada caso é claro que a unidade se refere a alguma combinação particular de ideias arbitrariamente reunidas pela mente.

13. Sei que alguns sustentam que a unidade é uma ideia simples ou não composta, que acompanha todas as demais ideias na mente,<sup>27</sup> mas não encontro em mim nenhuma ideia que corresponda à palavra *unidade*, e, se a tivesse, creio que não poderia deixar de encontrá-la. Pelo contrário, deveria ser a mais familiar

---

26 Medidas equivalentes, sendo que uma jarda equivale a três pés, e um pé equivale a doze polegadas.

27 Opinião defendida por Locke. Ver *Ensaio*, 2.7.7 e 2.16.1.

ao meu entendimento, uma vez que se diz que ela acompanha todas as demais ideias e que é percebida por meio de todos os caminhos da sensação e reflexão. Para não me alongar, trata-se de uma *ideia abstrata*.

14. Acrescentarei que, da mesma maneira como os filósofos modernos provam que certas qualidades sensíveis não existem na matéria ou fora da mente, o mesmo também pode ser provado de todas as demais qualidades sensíveis, quaisquer que sejam. Assim, por exemplo, diz-se que calor e frio são apenas afecções | *affections* | mentais, e não, de modo algum, modelos | *patterns* | de coisas | *beings* | reais, existentes nas substâncias corpóreas que as produzem | *excite* |, pois um mesmo corpo que parece frio a uma mão, parece quente a outra. Assim, por que não podemos igualmente sustentar que figura e extensão não são modelos ou imagens de qualidades existentes na matéria, já que // a um mesmo olho em posições diferentes, ou a olhos de uma constituição diferente numa mesma posição, elas parecem diferentes e não podem, portanto, ser imagens de algo fixo e determinado fora da mente? Ademais, prova-se que a doçura não está realmente na coisa sávida, pois, ainda que esta permaneça inalterada, o doce pode converter-se em amargo, como no caso de um paladar adulterado pela febre ou por outra causa qualquer. Não seria igualmente razoável dizer que o movimento não existe fora da mente, já que, se a sucessão de ideias na mente torna-se mais rápida, o movimento, como se reconhece, parecerá mais lento, sem que tenha ocorrido alguma alteração em qualquer objeto externo?

15. Em suma, quem considerar esses argumentos – os quais provam manifestamente que cores e sabores existem só na men-

te – descobrirá que eles podem, com igual força, ser aduzidos para provar a mesma coisa a respeito da extensão, da figura e do movimento. Todavia, deve-se reconhecer que esse método de argumentar não prova que não há nenhuma extensão ou cor num objeto externo, tanto quanto que não conhecemos por meio dos sentidos qual é a verdadeira extensão ou cor do objeto. Mas os argumentos precedentes mostraram claramente ser impossível que qualquer cor ou extensão, ou quaisquer outras qualidades sensíveis, possam existir em um sujeito não pensante fora da mente, ou, na verdade, que haja tal coisa como um objeto externo.

16. Mas examinemos um pouco a opinião aceita. Diz-se que a extensão é um modo ou acidente<sup>28</sup> da matéria, e que a matéria é o *substratum* que a suporta. Ora, gostaria de saber o que se quer dizer quando se afirma que a matéria *suporta* a extensão. Poderia dizer que não temos uma ideia da matéria e que, por isso, não é possível explicá-la. A isso respondo dessa forma: embora não tenhamos um significado positivo da matéria, devemos ter pelo menos uma ideia relativa a seu respeito, se quisermos empregar essa palavra com algum significado; e, embora não saibamos qual é, devemos, contudo, supor que sabemos que relação ela possui com os acidentes, e o que queremos dizer com “suportá-los”. Evidentemente, não devemos tomar aqui a palavra *suportar* em seu sentido habitual ou literal, como quando dizemos que os pilares suportam um edifício. Em que sentido, pois, deve ser tomada?<sup>29</sup>

---

28 De acordo com o pensamento aristotélico e escolástico um acidente é uma qualidade ou atributo não essencial de uma coisa, ou seja, uma característica que pode ser atribuída, ou não, à coisa.

29 Na primeira edição, esse parágrafo terminava assim: “De minha parte, não sou capaz de descobrir nenhum sentido que possa ser aplicável a isso”.

17. Se investigarmos o que os filósofos mais precisos declaram que entendem por *substância material*, descobriremos que admitem que não há outro significado vinculado a essas palavras a não ser a ideia de ser em geral, junto com a // noção relativa de suportar acidentes.<sup>30</sup> A ideia geral de ser é, para mim, a mais abstrata e incompreensível de todas; e, quanto a suportar acidentes, acabamos de ver que isso não pode ser entendido no sentido comum dessas palavras; elas devem, portanto, ser tomadas em algum outro sentido, embora eles não expliquem qual. De modo que, quando considero as duas partes ou divisões que compõem o significado das palavras *substância material*, me convengo de que não há nenhum significado diferente anexo a elas. Mas para que nos preocuparmos ainda em discutir esse *substratum* material ou suporte da figura e do movimento e das demais qualidades sensíveis? Não se supõe que estas têm uma existência fora da mente? E não é isso uma contradição evidente | *direct repugnancy* | e completamente inconcebível?

18. Mas ainda que seja possível que substâncias sólidas, com figura e com movimento, existam fora da mente, correspondendo às ideias que temos dos corpos, contudo, como seria possível sabermos isso? Ou o sabemos por meio dos sentidos ou por meio da razão. Quanto aos sentidos, por meio deles temos conhecimento apenas de nossas sensações, ideias ou daquilo – como quer que se chamem – que é imediatamente percebido pelos sentidos. Mas eles não nos informam que existem coisas fora da mente, ou impercebidas, semelhantes às que são percebidas. Isso os próprios materialistas reconhecem. Só nos resta concluir, portanto, que, se temos algum

<sup>30</sup> Ver Locke, *Ensaio*, 1.4.18; 2.8.19; 2.23.2.



conhecimento de coisas exteriores, deve ser por meio da razão, inferindo sua existência a partir do que é imediatamente percebido pelos sentidos. Mas como a razão pode nos induzir a acreditar na existência de corpos fora da mente, a partir do que percebemos, se os próprios defensores da matéria não pretendem que exista alguma conexão necessária entre os corpos e nossas ideias? Sei que todos admitem<sup>31</sup> (e o que ocorre nos sonhos, delírios [*phrensies*] etc. coloca isso acima de qualquer dúvida) que poderíamos ser afetados por todas as ideias que agora temos, ainda que não houvesse nenhum corpo exterior semelhante a elas. Portanto, é evidente que não é necessário supor que existem corpos externos para a produção de nossas ideias, visto que se admite que às vezes elas são produzidas, e poderiam talvez ser produzidas sempre na mesma ordem em que as vemos atualmente, sem a sua participação.

- 49 // 19. Mas ainda que pudéssemos ter todas as nossas sensações sem os corpos, contudo, talvez pudesse ser considerado mais fácil conceber e explicar a maneira como elas são produzidas supondo que há corpos exteriores semelhantes a elas, em vez de outro modo. E, nesse caso, poderia ser pelo menos provável que houvesse coisas como corpos que suscitam [*excite*] as ideias que temos deles em nossa mente. Mas isso também não pode ser dito, pois, embora concedamos aos materialistas que há corpos externos, eles mesmos confessam estar longe de saber como nossas ideias são produzidas, visto que admitem ser incapazes de compreender como um corpo pode atuar sobre o espírito, ou como é possível que imprima uma ideia na mente.

---

31 Ver Descartes, *Discurso do método*, 4ª parte; Malebranche, *Entretiens sur la Métaphysique*, 1.4.

Portanto, é evidente que a produção de ideias ou sensações em nossa mente não pode ser uma razão para que suponhamos a matéria ou substâncias corpóreas, pois se reconhece que permanecem igualmente inexplicáveis, com ou sem esta suposição. Assim, ainda que fosse possível a existência de corpos fora da mente, sustentar que de fato existem seria necessariamente uma opinião muito incerta, pois equivaleria a supor, sem razão alguma, que Deus criou inúmeros seres completamente inúteis, que não servem para nada.

20. Em suma, se houvesse corpos externos, é impossível que jamais chegássemos a sabê-lo; e, se não houvesse, poderíamos ter exatamente as mesmas razões que temos agora para pensar que eles existem. Suponhamos – o que ninguém pode negar que seja possível – que um ser inteligente, sem a participação de corpos externos, seja afetado com a mesma série de sensações ou ideias que nos afetam, impressas na mesma ordem e com igual vivacidade em sua mente. Pergunto se esse ser inteligente não teria todas as razões para acreditar na existência de substâncias corpóreas, representadas por suas ideias e suscitando-as | *exciting them* | em sua mente, como as que podemos talvez ter para acreditar na mesma coisa. Não pode haver dúvida quanto a isso, e essa única consideração é suficiente para levar toda pessoa razoável a suspeitar da força de quaisquer argumentos que ela poderia julgar ter a favor da existência de corpos fora da mente.

21. Se, depois do que foi dito, fosse necessário acrescentar alguma prova adicional contra a existência da matéria, poderia citar como exemplo alguns dos erros e das dificuldades (para não mencionar as impiedades) que surgiram dessa doutrina.

Ela tem ocasionado inúmeras controvérsias e disputas na filosofia, e não poucas de muito maior importância na religião. Mas não entrarei em tais detalhes aqui, porque penso ser desnecessário apresentar argumentos *a posteriori* para confirmar o que, se não me engano, foi // suficientemente demonstrado *a priori*, e também porque mais adiante terei oportunidade de dizer algo a respeito.<sup>32</sup>

22. Receio ter dado motivos para me considerarem desnecessariamente prolixo ao tratar desse assunto, pois, por que se estender sobre o que pode ser demonstrado com a máxima evidência em uma ou duas linhas a qualquer um que seja capaz de refletir minimamente? Basta analisar seu pensamento e ver se consegue conceber a possibilidade de um som, uma figura, um movimento ou uma cor existirem fora da mente, ou impercebidos. Essa simples tentativa talvez possa revelar a flagrante contradição do que se defende. Assim, estou disposto a apostar tudo nisto: caso se possa conceber a possibilidade de uma substância extensa e móvel ou, em geral, de qualquer ideia ou qualquer coisa semelhante a uma ideia existir de outro modo que não em uma mente que a perceba, abandonarei imediatamente a causa. E quanto a toda aquela *coleção* | *compages* | de corpos externos, admitirei sua existência, ainda que não se possa oferecer nenhuma razão pela qual se acredita que eles existam, ou atribuir-lhes alguma finalidade | *use* | quando se supõe que eles existem. Ou seja, a simples possibilidade de que tal opinião seja verdadeira será tomada como um argumento de que efetivamente o é.

---

32 Ver mais adiante, parágrafo 85 e seguintes.

23. Mas, pode-se dizer, não existe seguramente nada mais fácil do que imaginar árvores, por exemplo, num parque, ou livros numa biblioteca, e ninguém para percebê-los. Respondo que na verdade não é difícil. Mas o que é tudo isso, pergunto, senão formar na mente certas ideias que denominamos *livros e árvores* e, ao mesmo tempo, omitir formar a ideia de alguém que para percebê-las? Mas nós mesmos não as percebemos ou nelas pensamos durante esse tempo todo? Isso, portanto, não tem importância para o caso; apenas mostra que temos o poder de imaginar ou formar ideias em nossa mente, mas não mostra ser possível conceber que os objetos de nosso pensamento existam fora da mente. Para compreender isso, seria necessário que os concebêssemos existindo inconcebidos ou impensados, o que constitui uma manifesta contradição. Quando nos empenhamos ao máximo para conceber a existência de corpos externos, estamos o tempo todo somente contemplando nossas ideias. Mas, como a mente não se conhece, engana-se ao pensar que pode conceber e que de fato concebe corpos existindo impensados ou fora da mente, embora ao mesmo tempo sejam 51 apreendidos por ela ou existam // nela. Um pouco de atenção revelará a qualquer um a verdade e a evidência do que estamos dizendo e tornar-se-á desnecessário insistir em outras provas contra a existência da substância material.

24. É bastante simples, depois desse exame de nossos pensamentos, saber se é possível entender o que é significado por *existência independente de objetos sensíveis em si, ou fora da mente*. Para mim, é evidente que essas palavras encerram uma contradição direta ou então nada significam. E, para convencer os outros disso, não conheço nenhuma maneira mais fácil ou mais satis-

fatória do que lhes pedir que examinem calmamente os próprios pensamentos. E, se por meio dessa observação a vacuidade | *emptiness* | ou a contradição daquelas expressões aparecer, seguramente nada mais será necessário para convencê-los. É sobre isto, portanto, que insisto: que a existência independente de coisas não pensantes são palavras sem sentido ou que encerram uma contradição. Isso é o que eu repito e inculco, e com toda sinceridade recomendo ao atento pensar do leitor.

25. Todas as nossas ideias, sensações ou as coisas que percebemos, sejam quais forem os nomes pelos quais elas podem ser distinguidas, são visivelmente inativas: não encerram em si nenhum poder ou ação. De tal sorte que uma ideia – ou um objeto do pensamento – não pode produzir ou realizar nenhuma alteração em outra ideia. Para nos convenceremos de que isso é verdade, não precisamos de mais nada a não ser de uma simples observação de nossas ideias, pois, uma vez que elas no todo e em cada uma de suas partes existem apenas na mente, não existe nada nelas a não ser o que é percebido.<sup>33</sup> Mas todo aquele que atentar para suas ideias, seja dos sentidos, seja da reflexão, não perceberá nelas nenhum poder ou atividade; não existe, portanto, tal coisa contida nelas. Um pouco de atenção nos revelará que

52 // o próprio ser de uma ideia encerra em si passividade e inércia, portanto, é impossível uma ideia fazer alguma coisa ou, estrita-

---

33 Segundo Luce e Jessop, este era um axioma moderno, partilhado por vários filósofos, como Malebranche: “Todas as coisas que vemos imediatamente são sempre tais como as vemos”, *A busca da verdade*. I.14.2; e também por Hume: “como todas as ações e sensações da mente nos são conhecidas pela consciência, elas devem necessariamente, em todos os pormenores, parecer o que são, e ser o que parecem” (*T*, I.4.2.7).

mente falando, tornar-se a causa de alguma coisa; tampouco pode ser a imagem ou o modelo de algum ser ativo, como é evidente no parágrafo 8. De onde se segue claramente que extensão, figura e movimento não podem ser causas de nossas sensações. Dizer, portanto, que são efeitos de poderes resultantes da configuração, do número, do movimento e tamanho dos corpúsculos<sup>34</sup> deve certamente ser falso.

26. Percebemos uma sucessão contínua de ideias: algumas são suscitadas |*excited*| mais de uma vez, outras mudam ou desaparecem totalmente. Existe, portanto, alguma causa dessas ideias, da qual elas dependem e que as produz e altera. Que essa causa não pode ser uma qualidade ou ideia, ou combinação de ideias, é claro, conforme o parágrafo anterior. Deve ser, portanto, uma substância; mas já mostramos que não existe nenhuma substância corpórea ou material. Daí conclui-se, então, que a causa das ideias é uma substância ativa incorpórea, ou espírito.

27. Um espírito é um ser simples, não dividido e ativo. Quando percebe ideias, chama-se *entendimento*; quando produz ou de algum modo atua sobre as ideias, denomina-se *vontade*. Por isso não se pode formar a ideia de uma alma ou espírito, pois todas as ideias, quaisquer que sejam, sendo passivas e inertes (ver parágrafo 25), não podem nos representar, por meio de imagem ou semelhança |*likeness*|, aquilo que age. Um pouco de atenção tornará claro, a qualquer um, que é absolutamente impossível uma ideia semelhar-se ao princípio ativo de movimento e mudança de ideias. Tal é a natureza do *espírito*, ou daquele que atua, que não pode ser percebido por si, a não ser unicamente

---

34 Partículas diminutas da matéria, ou os átomos.

pelos efeitos que produz. Se alguém duvidar da verdade dessa afirmação, sugiro que reflita e experimente se pode formar a ideia de um poder ou ser ativo; e se tem ideias das duas principais faculdades |*powers*|, designadas pelos nomes de *vontade* e de *entendimento*, diferentes uma da outra, assim como de uma terceira ideia, de substância ou ser em geral – com a noção relativa de constituir o suporte ou ser o sujeito das faculdades que acabamos de mencionar –, a qual é designada pelo nome de *alma* ou de *espírito*. Isso é o que alguns sustentam, mas, no meu entender, as palavras *vontade*, *alma* e *espírito*<sup>35</sup> não representam

53 |*stand for*| ideias diferentes nem, na // verdade, ideia alguma, senão algo muito diferente das ideias e que, sendo um agente, não pode ser semelhante a uma ideia, ou representado por uma ideia seja esta qual for. [Não obstante, deve-se admitir, ao mesmo tempo, que temos uma noção da alma, do espírito e das operações da mente, tais como querer, amar, odiar pois sabemos ou entendemos o significado dessas palavras.]<sup>36</sup>

28. Posso suscitar |*excite*| ideias em minha mente sempre que quiser e variar ou mudar a cena quantas vezes julgar conveniente. Não preciso mais que querer, e imediatamente esta ou aquela ideia surge em minha imaginação |*fancy*|; e pelo mesmo poder ela é obliterada e dá lugar a outras. Esse fazer e desfazer as ideias chama-se, com muita propriedade, mente ativa. Isso é incontestável e baseia-se na experiência. Mas, quando falamos de agentes não pensantes, ou de suscitar |*exciting*| ideias independentemente |*exclusive of*| da volição, apenas fazemos um jogo de palavras.

35 Na edição de 1710 lê-se: “vontade, entendimento, mente, alma”.

36 Acréscimo da edição de 1734.

29. Seja qual for o poder que eu possa ter sobre os meus pensamentos, noto que as ideias efetivamente percebidas pelos sentidos não têm igual dependência de minha vontade. Quando em plena luz do dia abro meus olhos, não está em meu poder decidir se verei ou não, ou determinar que objetos em particular se apresentarão à minha vista; e assim igualmente quanto à audição e aos outros sentidos: as ideias impressas neles não são produtos |creatures| da minha vontade. Existe, portanto, alguma outra vontade ou espírito que as produz.

30. As ideias dos sentidos são mais fortes, vívidas e distintas que as da imaginação.<sup>37</sup> Elas têm também uma estabilidade, ordem e coerência e não são suscitadas |excited| ao acaso – como muitas vezes acontece no tocante àquelas que são efeito da vontade humana –, mas numa sequência ou série regular, cuja admirável conexão testemunha suficientemente a sabedoria e a benevolência de seu autor. No entanto, as regras fixas ou os métodos estabelecidos, dos quais a nossa mente depende para suscitar |excites| em nós as ideias dos sentidos, são chamados de *Leis da Natureza*, e estas nós aprendemos pela experiência, que  
54 nos ensina que tais e tais ideias // são acompanhadas por tais e tais outras ideias no curso ordinário das coisas.

31. Isso nos dá uma espécie de previsão que nos permite regular nossas ações em proveito próprio. E sem isso estaríamos eternamente perdidos, pois não saberíamos como agir para

---

37 Hume também aponta (*EHU*, 2.12) o mesmo critério para distinguir entre ideias sensíveis e ideias da imaginação. Ver HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano e os princípios da moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.



alcançar qualquer coisa que nos pudesse proporcionar o menor prazer nem como evitar a menor dor sensível. Que a comida alimenta, o sono repara e o fogo nos aquece; que semear na época certa é a melhor maneira de conseguir uma boa colheita; e, em geral, que para obter tais e tais fins, tais e tais meios são úteis: tudo isso nós sabemos não porque descobrimos alguma conexão necessária entre nossas ideias, mas apenas mediante a observação das leis fixas da natureza, sem as quais estaríamos todos na incerteza e na confusão, e um adulto não saberia conduzir-se melhor nos afazeres da vida do que uma criança recém-nascida.

32. E, no entanto, essa operação estável e uniforme – que de modo tão evidente revela a bondade e sabedoria desse espírito governante cuja vontade constitui as leis da natureza – está tão longe de conduzir nossos pensamentos a Ele que, antes, os leva a perder-se atrás de causas secundárias, pois, quando percebemos certas ideias dos sentidos constantemente acompanhadas por outras ideias, e sabemos que isso não depende de nós, imediatamente atribuímos poder e ação às próprias ideias e consideramos uma a causa da outra, mas nada pode ser mais absurdo e ininteligível. Assim, por exemplo, tendo observado que quando percebemos pela visão uma certa figura luminosa e redonda, ao mesmo tempo apreendemos pelo tato a ideia ou sensação chamada *calor*, e concluímos que o Sol é a causa do calor. E da mesma maneira, ao perceber que o movimento e a colisão dos corpos são acompanhados de som, inclinamo-nos a pensar que o som é um efeito da colisão.

33. As ideias impressas nos sentidos pelo Autor da natureza são chamadas *coisas reais*, e suscitadas *[excited]* na imaginação,

sendo menos regulares, vívidas e constantes, são mais adequadamente chamadas de *ideias*, ou *imagens de coisas*, as quais elas copiam e representam. Mas por outro lado, nossas sensações, por mais vívidas e distintas que sejam, são, não obstante, *ideias*, ou seja, existem na mente ou são percebidas por ela tão verdadeiramente quanto as ideias que ela própria concebe. Considera-se que as ideias dos sentidos têm em si mais realidade, ou seja, são mais fortes, ordenadas e coerentes do que as criações da mente. Mas isso não constitui um argumento de que elas existam fora da mente. Elas são também menos dependentes do espírito ou da substância pensante que as percebe, pois são suscitadas |*excited*| pela vontade de outro e mais poderoso espírito. Contudo, ainda assim, são *ideias*, e certamente nenhuma *ideia*,  
55 // seja fraca, seja forte, pode existir de outro modo a não ser numa mente que a perceba.

34. Antes de prosseguir, é necessário gastar algum tempo respondendo às objeções que podem provavelmente ser feitas contra os princípios até aqui estabelecidos.<sup>38</sup> Se, ao fazer isso, eu parecer demasiado prolixo para os leitores de compreensão rápida, espero que me perdoem, pois nem todos os homens apreendem igualmente coisas dessa natureza; e eu desejo ser entendido por todos. Em primeiro lugar, então, pode-se objetar que, pelos princípios precedentes, tudo o que é real e substancial na natureza é banido do mundo, e em seu lugar um esquema quimérico de ideias toma lugar. Todas as coisas que existem somente existem na mente, ou seja, são puramente

---

38 A partir desse parágrafo até o parágrafo 82, Berkeley procura defender-se antecipadamente de possíveis objeções que poderiam ser formuladas contra sua doutrina.